ABERTURA REVISITADA

A linguagem como ponte que nos une, como porta que se abre, como olhos que se destapam.

Beatriz Bartilotti, Fabrizio Cossutta, Francisca Bartilotti, Marta Ruivo, Mónica Granja, Pilar Losada Léon, Nina Monteiro, Sara Cardoso, Susana Rios

É importante resolver este assunto porque é o título do SIAP que está em questão.

É importante resolver este assunto porque é o título do SIAP que está em questão.

Começámos a pensar este SIAP na premissa de haver pessoas invisíveis ao sistema de saúde.
Há pessoas invisíveis ao sistema de saúde? Ou será o sistema de saúde cego?

(Ao fundo, projetado, pode ler-se as definições de "cego" e "invisível")

As pessoas não são transparentes. Estas pessoas não são é olhadas pelo sistema de saúde. É o sistema que as invisibiliza.
Invisibilizadas.
Que palavra tão feia. Tão exata. E tão difícil.
Invisibilizadas.
In-vi-si-bi-li-za-das.

(Ao fundo, projetado, pode ler-se as definições de "invisibilizar")

Literalmente tornado invisível. Pelo sistema? Qual sistema?
Seja intencionalmente, por passividade, por negligência: tornar invisível transmite melhor o contexto, em comparação com a palavra única invisibilizar.

¿Cuál es la alternativa? ¿Personas no notadas? ¿No miradas? ¿Ignoradas? ¿Olvidadas? ¿Personas no tocadas, no pensadas? ¿No sentidas? ¿No reconocidas?

Invisíveis? Ou que não vemos?
Estamos nós cegos, cegas, cegues?

Será que não vemos os, as, es invisíveis?
Ou são invisíveis porque não os ouvimos? Ou não os sentimos? Ou, com os nossos viéses e preconceitos, ignoramos, simplesmente, a sua existência?
Se fazemos parte de um sistema injusto, somos apenas peça na engrenagem, ou responsáveis pela mudança?

O sistema de saúde é cego?
Há é pessoas que nós, profissionais de saúde, não aprendemos a ver, ou não nos preocupamos em olhar, isso sim.
E há pessoas que não conseguem chegar a entrar no sistema de saúde, como poderiam ser vistas?

E quando as metáforas ferem? Devemos continuar a usá-las pelo seu poder figurativo? Quais os limites do que dizemos?

Cuando nos fué propuesto el tema del SIAP no imaginábamos "el jardín lingüístico" donde nos estábamos adentrando, y el asunto empezó ya con el título. Voces de personas invisibilizadas nos iban alertando de nuestros "inocentes" errores en la elección de algunas palabras; por ejemplo, usar ciego metafóricamente podría ser ofensivo, así como no usar el plural inclusivo podía excluir a las personas no binarias.

Para mudar palavras precisamos de mudar o sistema? Ou inventamos novas palavras? Todxs, todes, todoas (como dizem os Zapatistas)? Ou passamos a adotar o feminino para compensar tantos anos de masculino? Então e as pessoas que não se identificam como homem ou mulher?
Na idealização do título do SIAP começaram a surgir estas discussões sobre palavras. O que significam além do uso que lhes damos? Que impacto têm em quem as ouve? Será que estamos a passar a mensagem correta?

Penso que foi sobre isto que fomos falando nos últimos meses de organização do SIAP. Essa tomada de atenção, essa autorrealização que as palavras, enquanto inocentes para uns, podem ferir tanto outros.
Diria que é uma autorrealização bem tramada, percebermos que somos tão mais moldados pela sociedade do que aquilo

que gostaríamos, que de certa forma perdemos a individualidade ao não nos apercebermos de certos matizes da língua.
(pausa)
É importante resolver este assunto porque é o título do SIAP que está em questão.

É importante resolver este assunto porque é o título do SIAP que está em questão.

(Ao fundo, projetado, pode ler-se "QUEM SOMOS")

Nasci numa família a falar friulano numa cidade onde se fala italiano e véneto. No entanto, só me apercebi da importância do contexto ao aprender a viver numa outra cultura, com outra língua, embora posicionado num lugar de privilégio.
Ao mesmo tempo, nunca me senti capaz de "dominar" as regras da linguagem, sempre foi muito mais fácil entender números e fórmulas matemáticas, talvez por serem mais previsíveis e fáceis de replicar.

Sofro de conciliadorismo crónico, existe em mim uma empática que empata. Percebo com facilidade outros pontos de vista... Boa samaritana que sou achava que não tinha pontos cegos. Cheguei à idade adulta a achar que tinha vistas largas. Estava enganada.
Tenho em mim camadas e camadas de socialização patriarco-capitalista. Tenho em permanência uns óculos postos que me esforço em consciência para tirar. São os óculos do privilégio com que nasci.

Pasé casi dos décadas de mi vida escuchando comentarios ofensivos sobre mi cuerpo, y eso deja siempre una marca. A pesar de haber visto a mi cuerpo cambiar y entrar en los patrones de la "normalidad" corporal que la sociedad patriarcal nos inserta en la cabeza, nunca abandoné mi complejo físico. Por ese motivo, intento combatir duramente esta forma de discriminación, tanto en las consultas (que hay muchas), como fuera de ellas.

A língua é uma das minhas pátrias. E é seguramente algo materno para mim. Comecei a ler com 3 anos. A minha mãe era professora e desde bebé que eu ia com ela para a escola. E comecei a escrever quando descobri em António Lobo Antunes a cadência que assemelhava a escrita à torrente que me ia dentro. A certa altura, adotei as minúsculas, as minhas pantufas da escrita.
A palavra e a linguagem ajudam-me todos os dias a pensar e a perceber quem sou. Vejo o mundo através da linguagem. É pela língua que encontro o sentido às coisas.

Sou feita de palavras. A minha identidade, a minha história, quem eu sou, o que eu penso, o que eu vejo e tudo o que eu já vi, habitam em mim em forma de palavras.

(Ao fundo, projetado, pode ler-se "LINGUAGEM")

Afinal, o que é para nós, seres humanos, a linguagem?
Comunicação, expressão, autoexpressão...
Num outro extremo, uma forma de agressão, tantas vezes inconsciente.
Sobre essa agressão inconsciente podemos de facto pensar, elaborar e tentar modificar. Isto será sempre um exercício individual, um caminho de cada um de nós, desde a realização até à capacidade de alterar conscientemente certas palavras.

A linguagem verbal é uma aproximação em palavras dos nossos pensamentos, por sua vez resultado por aproximação de fenómenos cognitivos que acontecem simultaneamente e a várias velocidades e que são sujeitos a diversas condicionantes, entre as quais a nossa cultura.

La cuestión de la lengua, como sube y baja, y hasta se enrolla, para permitirnos decir lo que nos pasa por el alma. También hace acrobacias hasta cuando no conseguimos decir nada - palabras que acaban por ser "dichas para adentro", quedándose atascadas en un cierto punto de la faringe. La comunicación verbal ha sido un asunto de extrema importancia a lo largo de la historia de la humanidad, y que en los días de hoy ha adquirido una dimensión extraordinaria al

hacernos pensar si aquello que siempre dijimos de cierta forma, continúa teniendo sentido ahora.

A linguagem figurada é tão imperfeita, mas flui tão mais rente ao que pensamos e queremos exprimir. E as metáforas são tão mais bonitas. Como vou sobreviver sem metáforas? Como vou escrever?

O fio interminável de pensamentos que me situam num determinado momento e decifram o mundo, são palavras. Os julgamentos que faço de outros, de coisas, de sítios, são palavras. A linguagem é a nossa massa-mãe. O que nos produz, e nos permite produzir. Crescemos num mundo imbuído delas. Entram-nos passivamente, osmoticamente e de forma inconsciente. Por vezes é sagrada, por vezes inútil. Mas ubíqua. Pensar no meu mundo desprovido dos limites que a linguagem impõe é quase impossível.

Palavras... Um conjunto de letras que adquirem um significado, inventado não sabemos por quem há não sei quantos milhares de anos. Aprendemos as palavras desde que cá estamos, usamo-las com o sentido que as vemos ser usadas. Irrefletidamente, sem crítica. Estão aqui para nos servir, ainda que de forma imperfeita.
É então que entra o exercício da empatia. Quando crescemos e saímos do nosso meio, percebemos que a mesma palavra tem um impacto totalmente diferente em pessoas diferentes. Percebemos que o nosso sistema da linguagem é machista, racista, colonialista, homofóbico. E como poderia não ser, se foi criado num sistema que é tudo isso também?

A linguagem é uma arma de luta e uma forma de mudar culturas. A palavra neste campo é poderosíssima. Basta olhar para a palavra "Mulher": era quase inexistente no discurso público há décadas e agora tornou-se visível. Como mulher importava-me a ausência do feminino no discurso público, mas hoje percebo, considerando a evolução do conceito de género e as diferentes identidades, que a linguagem dicotómica afinal não é inclusiva.

(Ao fundo, projetado, pode ler-se "PRIVILÉGIO")

Descoser as linhas de preconceitos, de medos e arrogâncias, é desconfortável. Lidar com este desconforto é tentar abrir-me e diminuir-me nesse privilégio. Tentar ser curiosa, ser sensível e atenta. Tentar habitar estes espaços de desconforto que se criam. Tentar aprender uma nova língua, tornar-me menos fluente na minha. Ser mais cuidadosa, tentar trabalhar para mitigar o que o privilégio oclui, o que ele esconde, o que ele invisibiliza.

Tomar consciências dos nossos próprios preconceitos, no sentido de ideias construídas nem sempre correspondendo à realidade, é o que nos permite ultrapassá-los e abraçar o Outro/Outra/Outre numa maior plenitude, numa maior empatia.

Tenho refletido muito sobre o que é a pobreza e a forma como avassaladoramente condiciona a vivência humana. E como eu a posso ver, sem a caridade oca e bacoca do pobrezinho, coitadinho...
(pausa)
Sobre o que é efetivamente ser mulher e de que forma estou tão profundamente condicionada.
(pausa)
A pele... a cor da pele ... como é que eu entro na conversa sobre racismo? Como posso?

Si la ciencia ya ha probado que el concepto de raza es una falacia, que no existe, no tiene que ser la medicina tan interseccional como el feminismo? Mi condición no me define. Pero yo no tengo una condición crónica, por lo menos todavía no. ¿Quién seré cuando me mude al país de lxs enfermxs? ¿Qué pasaporte vestiré? Según Susan Sontag, todas tenemos una doble ciudadanía: la del país de lxs saludables y la del país de lxs enfermxs, pero hay una fase de nuestra vida en la que todas pasamos para el otro lado de la frontera. Pero las fronteras, controles de aduana, visados y billetes son muy diferentes para personas diferentes.

Trabalhar para tornar esses espaços mais acessíveis, mais nivelados, mais équos, não será fruto do meu próprio privilégio? Quem me dá esse poder? A quem é que eu retiro esse lugar de fala? Como concilio o lugar de privilégio que habito, com o que me trouxe e como me permitiu chegar aqui? Como desafio os outros a questionar o seu próprio lugar de poder? A pensar nas palavras que os definem, a pensar nos ângulos mortos do seu léxico mental?

(Ao fundo, projetado, pode ler-se "MUDANÇA")

Neste processo conjunto e individual tornou-se evidente que éramos parte do problema. Ao mesmo tempo, que queríamos ser parte da solução. Iniciar, pelo menos, o caminho para ser menos "malfaladxs" e mais conscientes. Ter consciência que já invisibilizámos com as palavras e que também, como mulheres, já fomos invisibilizadas com as palavras (e não só) em inúmeras ocasiões.

Tornar a linguagem num porto de abrigo seguro para uma comunicação sem medos, sem julgamentos, capaz de estabelecer pontes e de valorizar qualquer pessoa envolvida.

Não me parece que exista uma sensibilidade pouco representativa o suficiente para a sociedade que não possa ser abarcada pelo cuidado da linguagem.
Tentei mudar a forma como vejo os outros... Lembro-me da forma com que via as mães que trabalham horas a fio como empregadas domésticas "senhoras da limpeza" e que criam os filhos das outras e não os seus.
As mulheres altruístas contribuem para uma sociedade eficiente, mas não bela, verdadeira ou justa. Quando as mulheres se perdem, o mundo perde o rumo. Não precisamos de mais mulheres altruístas. Precisamos agora de mais mulheres que desintoxicaram tão completamente das expectativas do mundo que não estão cheias de nada além de si mesmas.

Solucionar las cuestiones de la lengua y modificar procesos que invisibilizan parte de la humanidad se vuelve casi imposible sin

estrategias colectivas, porque forman parte de un problema mayor, transversal a todo e histórico, que nace en el falocentrismo y en el miedo al útero. La estructura patriarcal y capitalista en la cual vivimos se sustenta, entre otras, sobre la opresión a las mujeres, a las personas racializadas y a las personas en situación de pobreza económica. Este sistema que da el poder al hombre blanco, rico y heterosexual tiene múltiples herramientas para sobrevivir, siendo una de ellas el lenguaje.

Sabemos que todes temos camadas de vulnerabilidades, que se vão acumulando à medida que descemos a escada do privilégio. Ver para além delas é o que procuramos, tornando o sistema cada vez mais equitativo. A palavra chave talvez seja, como o é quase sempre que se fala de política e de direitos, escolha. Ao procurarmos reparar em e as invisibilidades, o que se quer é dar a escolha a toda a gente de poder voltar a ser invisível. Ou visível. Ou qualquer um deles ao mesmo tempo ou em momentos diferentes.

Não há uma única forma, nem um só caminho quando perseguimos a dignidade e a liberdade de todos.
Quero ser sensível ao outro, ao seu espaço, à sua liberdade, às formas de linguagem que possam ferir.

Somos parte do sistema, mas queremos mudá-lo, queremos torná-lo de facto universal e para todoas. Queremos ouvir toda a gente e aprender as suas realidades, sentimentos e dificuldades que encontram neste sistema.
A empatia é mais fácil quando conhecemos as pessoas, quando as ouvimos e conversamos com elas. Como podemos saber se uma palavra é ofensiva ou não se não somos nós a senti-la? Podemos imaginar, refletir, debater, mas não sentimos.
A empatia significa pormo-nos no lugar do outro, tirar os óculos do privilégio que nos impedem de ver realmente o mundo como ele é.

(Ao fundo, projetado, pode ler-se "O QUE QUEREMOS")

Nuestro diálogo fue una especie de ensayo para el diálogo que queremos: abierto, lleno de compromisos, a la búsqueda de lo que nos une y que pretende generar un mejor cuidado para las personas que cuidamos y para nostrxs, que viene a ser un poco lo mismo.

Assim, o objetivo deste SIAP é aproximarmo-nos, é ouvirmo-nos, é pormo-nos no lugar de outroa, e por fim dar visibilidade a quem tem sido invisibilizada e tornada difícil de ver.

Os profissionais de saúde – entre os elementos cuidadores dentro das sociedades – devem ter particular atenção e adequar a linguagem para tentar garantir a correta transmissão da informação, sendo à partida impossível prever quais as condicionantes – culturais ou outras – que irão influenciar a interpretação dessa informação. Esta ignorância obriga-nos a admitir a existência de limitações, a sondar, mediar e adaptar a nossa comunicação constantemente, aceitar e admitir erros e tentar sempre que possível corrigi-los e evitar perpetuá-los.
É neste contexto que considero necessário termos um processo de reflexão e aprendizagem coletiva que é característica dos SIAP.

El objetivo de este SIAP será volvernos más conscientes de aquello que ignoramos, para así volvernos más empáticxs y humanxs; así como convertir el sistema de salud en un espacio más seguro para todas las personas y donde no existan prejuicios ni relaciones asimétricas.

Está criado este espaço e este tempo para olharmos e ouvirmos, enfim, quem tem sido invisibilizado.
Olharmos a uma nova luz, de atenção e disponibilidade.
Ouvirmos com humildade, como quem aprende um alfabeto novo.
E, desde esta atenção e humildade, partirmos para cuidar melhor.